

## UMA REFLEXÃO SOBRE EDUCAÇÃO POPULAR NA CONTRAMÃO DO NEOLIBERALISMO NA AMÉRICA LATINA: “TÚ NO PUEDES COMPRAR MI ALEGRÍA, TÚ NO PUEDES COMPRAR MIS DOLORES”.

Gildete Granja Diógenes Neta <sup>1</sup>

### RESUMO

Nos países latino-americanos o neoliberalismo age com políticas comerciais baseadas na exportação de riquezas naturais colaborando para a manutenção do grande latifúndio, busca implantar o individualismo em detrimento às formas coletivas e à solidariedade social, ou seja, há uma ânsia por consumir a natureza e também as nossas subjetividades. Nesse sentido, de acordo com Streck (2013), uma das características da Educação Popular é acompanhar o movimento da sociedade, buscando sempre novos espaços para a sua realização. O objetivo deste trabalho é refletir acerca dos princípios fundamentais da Educação Popular no enfrentamento ao neoliberalismo na América Latina. Trata-se de estudo bibliográfico no qual dialogamos com Anderson (2020), Salama (2020) e Alves (2011) acerca o ideal neoliberal com seu poder devastador, bem como Barbosa (2020b), Farls Borda (2015), Di Matteo (2020), e Streck (2006) sobre a Educação Popular para a resistência ao neoliberalismo no século XXI. De acordo com Barbosa (2020b), ao descolonizar pensamentos e corpos, tendo como ponto de partida a cosmovisão e *ethos* com o território, reivindicamos outros modos de ser e de se posicionar social e politicamente. A dimensão onto-epistêmica fundamenta subjetividades e tem como matriz o “*buen vivir*” como um princípio essencial dos direitos humanos e da natureza em contraposição ao “*vivir mejor*” defendido pelo neoliberalismo. Desse modo, destacamos a descolonização do pensamento e dos saberes numa dimensão onto-epistêmica e os princípios da sociologia sentipensante de Farls-Borda (2015) como contraposição ao neoliberalismo no século XXI, bem como pontuamos experiências de Educação Popular na América Latina que avançam na contramão do projeto neoliberal. Com os processos de Educação Popular, dizemos à ordem opressora – como na canção do grupo porto-riquenho Calle 13 que dá título ao nosso trabalho – “*tú no puedes comprar mi alegría, tú no puedes comprar mis dolores*”.

**Palavras-chave:** Educação Popular, Neoliberalismo, América Latina.

### INTRODUÇÃO

Na sociedade capitalista, desigual e opressora, o poder que controla econômica e politicamente a ordem social que o sustenta, também determina o pensamento e os valores apresentando-os como legítimos. Nessa esteira, a América Latina carrega ainda a experiência colonial, pois “o capital sempre dependeu e dependerá da acumulação primitiva, do avassalamento de povos e territórios” (PIRES *et al*, 2022, p. 25). É então nesse contexto que a história da educação popular tem seu ponto de partida, “no encontro

---

<sup>1</sup> Mestranda em Educação pelo Mestrado Acadêmico Intercampi em Educação e Ensino da Universidade Estadual do Ceará (MAIE/UECE), [gildete.granja@aluno.uece.br](mailto:gildete.granja@aluno.uece.br);

violento entre colonizador e colonizado, e de um projeto de modernidade inconcluso, e por isso se refundamenta, ressignifica, reinventa e refunda nas práticas do cotidiano” (SCHÖNARDIE, 2018, p. 31). Diante disso, a educação popular se situa dentro e diante dos conflitos históricos das sociedades latino-americanas e reexiste em meio a uma conjuntura adversa – a sociedade capitalista e seu neoliberalismo – e vem forjando práxis e contra hegemonia num horizonte de humanização.

Na conjuntura opressora do Capitalismo reverberar a luta dos oprimidos através da Educação Popular na contramão do capitalismo, numa via contra hegemônica, é assumir a luta histórica por um projeto emancipador, ou seja, anticapitalista. É necessário, enquanto estudiosos críticos, refletir sobre visões de mundo e intervenções sociais para construção coletiva da humanização dos sujeitos. Por isso, o objetivo é refletir acerca dos princípios fundamentais da Educação Popular no enfrentamento ao neoliberalismo na América Latina. Trata-se de estudo bibliográfico no qual dialogamos com Salama (2020), Anderson (2020), Alves (2011), Silva (2023) acerca do ideal neoliberal com seu poder devastador, bem como Strack (2006), Farls-Borda (2015) e Barbosa (2020b) entre outros pensadores latino-americanos sobre a Educação Popular para a resistência ao neoliberalismo no século XXI.

Este trabalho foi motivado a partir dos encontros e leituras nas disciplinas Educação Brasileira, Teorias da Educação e Educação Popular na América Latina, realizadas no 1º semestre do curso de Mestrado em Educação pelo Mestrado Acadêmico Intercampi em Educação e Ensino (MAIE/UECE. As disciplinas cursadas concomitantemente, possibilitou, por sua vez, visualizar e confrontar elementos do Neoliberalismo e elementos da Educação Popular. A música que despertou inquietação para este trabalho também nos foi apresentada em uma das místicas da disciplina de Educação Popular na América Latina.

Nesse percurso de reflexão, compreendemos que o neoliberalismo está para apresentar fetiches e mitificar a realidade enquanto a educação Popular está para desvelar a realidade e a abraçar a sociabilidade verdadeiramente humana, que cria e inventa, na busca de *ser mais*. Ao socializar saberes ancestrais, “ao evocar o coração como lugar de sentimento com raízes epistêmicas e ontológicas próprias”, ao entender o ser humano como fração da totalidade da natureza e o território como espaço de vida, a Educação Popular contrapõe-se ao plano capitalista e, assim, apresenta o horizonte de humanização.

## **METODOLOGIA**

Elegemos a teoria marxista como norteadora do nosso trabalho por ser a teoria referencial de uma perspectiva crítica. Trata-se então de uma pesquisa qualitativa com revisão bibliográfica, na qual dialogamos com Marx (2004), Alves (2011), Salama (2020) e Anderson (2020) acerca do ideal neoliberal com seu poder devastador. Para realizar o contraponto elegemos autores para a compreensão de Educação Popular, sobretudo Barbosa (2020b), e a partir desta autora nos encontramos com Strack (2006), Farls-Borda (2015) entre outros pensadores latino-americanos sobre a Educação Popular para a resistência ao neoliberalismo no século XXI. Assim, o nosso percurso reflexivo tratou de extrair de cada grupo de autores elementos com notória contraposição que culminou numa tabela.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Nos ombros de Marx, Mello (2001) nos coloca que o capitalismo é um modo de vida que se universaliza em escala planetária, ou seja, não é apenas a mundialização da economia, mas a mundialização de um padrão de vida com o envolvimento de todos os povos, sendo a mundialização de um “padrão civilizatório” o combustível de todo o processo.

De acordo com Netto (2000), o capitalismo revigorado pelo neoliberalismo dá a impressão de estar mais vivo do que nunca. Segundo Salama (2000), sempre existe no capitalismo a possibilidade de uma “crise redentora” que seja capaz de gerar certo nível de crescimento econômico com um alto grau de custo social. O capitalismo se reinventa, muda para permanecer o que é, para manter o *status quo* e, assim, garantir a reprodução ampliada do capital (MELLO, 2001). A reprodução do capital é o objetivo da produção, e as crises próprias do capitalismo atendem à acumulação de riquezas.

Segundo Salama (2000), a via neoliberal significa uma abertura total de fluxos de capitais que transforma os países em experimentos totalmente dependentes do que acontece na Bolsa de Nova Iorque. Nos países latino-americanos o neoliberalismo age com políticas comerciais baseadas na exportação de riquezas naturais colaborando para a manutenção do grande latifúndio.

Para Silva (2018), estabeleceu-se um consenso em denominar neoliberalismo as políticas de privatização econômica e destruição das conquistas sociais. Além disso, se

destaca a abertura dos mercados num processo de desterritorialização em que se transferem empresas do centro do capitalismo para explorar mão de obra na “periferia do mundo”.

Nesse contexto de nova produção do capital é preciso incutir inovações socioprodutivas e também sociometabólicas. O Toyotismo, sendo o modelo produtivo do capital, exige agora um tipo de homem específico em conformidade com a racionalização da produção, um novo nexos psicofísico. Mas o que é o homem?

De acordo com Marx (2004), o homem é um ser genérico, ou seja, é um ser que se relaciona consigo como um gênero vivo, presente e universal. É, pois, na elaboração do mundo objetivo que o homem se confirma efetivamente como ser genérico consciente, de modo que

o animal produz apenas sob o domínio da carência física imediata, enquanto o homem produz mesmo livre da sua carência física, e só produz, primeira e verdadeiramente na sua liberdade com relação a ela; o animal só produz a si mesmo, enquanto o homem reproduz a natureza inteira; no animal o seu produto pertence imediatamente a seu corpo físico, enquanto o homem se defronta livremente com seu produto [...] (MARX, 2004, p. 85).

De acordo com Lukács (2018), nessa atividade consciente é que o ser humano se objetiva sendo, pois, o trabalho uma objetivação elementar. E não somente a objetivação, mas também a subjetivação, pois no pôr teleológico o ser humano tem intenções e projeta em sua consciência fins a serem realizados. Assim, numa relação dialética, à medida que o ser humano transforma a natureza objetiva, também transforma a sua subjetividade.

No entanto, o capitalismo inverte a relação a tal ponto que o trabalho deixa de ser a objetivação humana, deixa de ser criação, deixa de ser construção e vocação ontológica e passa a ser trabalho estranhado, um estranhamento em muitas dimensões: o objeto produto do seu trabalho é estranho ao trabalhador que o produziu – o estranhamento da coisa -, assim como o estranhamento do ato da produção no interior do “trabalho” – o estranhamento de si. Desse modo, o trabalho é externo ao trabalhador, ou seja, a atividade vital criadora não lhe pertence mais, e conseqüentemente, o ser humano não se afirma mais em seu trabalho, mas ao contrário, nega-se nele. O capitalismo em suas diversas fases de reestruturação se alimenta precisamente dessa engrenagem, do trabalho enquanto “homem perdido si” (MARX, 2004).

Mello (2001), à luz da célebre afirmação de Marx (2004) de que o modo de produção não apenas cria o objeto de consumo, mas cria também o tipo de necessidade e o tipo de consumo, contribui com a nossa reflexão ao elucidar que o modo de produção e de acumulação de capital não se esgota na estrutura econômica propriamente dita e nas forças produtivas ao longo do desenvolvimento do capitalismo, mas se alarga estrategicamente no estilo de vida determinado em que o homem deve manifestar culturalmente a sua vida, sua visão de mundo, a maneira de ver, de sentir, de pensar e de amar.

De acordo com Diniz-Pereira (2022), no contexto do neoliberalismo, se concebe o mundo como um “grande supermercado” em que tudo deve ser transformado em mercadoria afim de ser comercializado e que as pessoas são concebidas apenas como consumidoras. O capitalismo determina um modelo de formação para suprir as demandas do mercado de trabalho, conforme suas necessidades, e estas pressupõem o rebaixamento do ser humano “[...] à condição de mercadoria e à de mais miserável mercadoria, que a miséria do trabalhador põe-se em relação inversa à potência e à grandeza de sua produção [...]” (MARX, 2004, p. 79). “Miserável mercadoria” que se revela na captura da subjetividade, na negação dos saberes historicamente construídos e exemplo dos povos latinoamericanos, da capacidade criadora do homem, da sua vocação ontológica de ser mais.

Nesse sentido, Alves (2011) acrescenta que à medida que o capitalismo, na sua crise estrutural, intensifica a manipulação, esta torna-se obstáculo ao desenvolvimento do ser genérico do homem. Qual tipo de manipulação? Mello (2001) nos responde ao enfatizar que o capitalismo estabelece uma lógica de relação social em que a mercadoria se torna um padrão de vínculo social e de racionalidade de modo que todas as demais expressões da vida humana passam a moldar-se a lógica da sociabilidade do contrato e do lucro.

E então Alves (2011) endossa a nossa compreensão quando ao analisar a nova produção do capital no contexto da política neoliberal e a organização toyotista de trabalho, chama-o de “capitalismo manipulatório”. Segundo o autor, o que se busca no modo de produção toyotista não é somente o “saber” e o “fazer” dos trabalhadores, mas a sua disposição intelectual-afetiva, a sua capacidade de pensar e pensar muito, colocando a inteligência humana a serviço do capital, pois este continua, mais do que nunca, dependendo da destreza manual e da subjetividade do coletivo humano.

Por isso, segundo Alves (2011), o capital busca reconstituir em pleno século XXI, “algo que era fundamental na manufatura, o velho nexos psicofísico do trabalho profissional qualificado: a ‘participação ativa da inteligência, da fantasia, da iniciativa, do trabalho’”. Nessa ótica, os seres humanos trabalhadores não apenas produzem, como no fordismo, mas agregam valor, pois para que a organização produtiva possa se manter, o indivíduo deve ser capaz de “significar” aquilo que realiza. O que nos traz outra questão: Qual valor? Qual significado? O próprio autor nos responde: “as inovações sociometabólicas com a plethora de valores-fetichismo e a tempestade de ideologias de mercado” e explica:

[...]o espírito do Toyotismo tem-se disseminado não apenas na produção do capital, mas nas instâncias socio-reprodutivas que estão envolvidas diretamente na construção do novo modo de subjetivação estranhada. Ao lado das inovações técnico-organizacionais do complexo de reestruturação reprodutiva, desenvolvem-se inovações sociometabólicas. Estas dizem respeito ao cultivo sistemático e intenso de valores-fetichismo, expectativas e utopias de mercado, disseminados, em geral, pelo aparato midiático e socio-reprodutivo do capital. O universo locucional é tomado, por exemplo, pelas palavras-chave de competência, empregabilidade e empreendedorismo (ALVES, 2011, p. 121).

Temos, então, que a “captura da subjetividade” não se dá somente na produção, mas nas diversas instâncias da vida, no consumo e também no desenvolvimento da personalidade. Nesse sentido, as nossas subjetividades, os nossos valores e os nossos significados são ditados pela intensa densidade manipulatória do capital o que impede de despertar em nós necessidades reais, eis pois a consumação de uma “subjetividade pelo avesso” ou “subjetividade em desefetivação”.

Diante desse contexto, Netto (2000) destaca que a desesperança é um componente favorecedor da programática neoliberal. Esta desesperança está relacionada às crescentes desigualdades sociais que é para o autor um êxito alcançado pelas políticas neoliberais. Além disso, política e ideologicamente, o neoliberalismo alcançou êxito num grau com o qual seus fundadores provavelmente jamais sonharam, disseminando a simples ideia de que não há alternativas para os seus princípios, que todos, seja confessando ou negando, têm de adaptar-se às suas normas, firmando-se a sua hegemonia. (ANDERSON, 2000). Nesse sentido, o neoliberalismo nos é apresentado como solução única, quando se trata da expressão de uma coalizão de interesses das classes dominantes (BORÓN, 2000).

Ao mesmo tempo, de acordo com Moncayo (2015), a globalização capitalista tem também efeitos danosos nas identidades e nas culturas. Tutelado pela ideologia neoliberal (que para muitos é o mesmo que o neoconservador), empurra para uniformidade na gestão

das economias nacionais e nos valores e padrões de consumo e tende a enfraquecer o pulso das culturas nativas. É antiparticipativo. Da origem a integrações, exclusões e diferenciações que articulam e subordinar as dinâmicas nacionais e regionais vitais para a solidariedade humana.

Nessa esteira, nós, latino-americanos, carregados da experiência colonial, pois “o capital sempre dependeu e dependerá da acumulação primitiva, do avassalamento de povos e territórios” (PIRES *et al*, 2022, p. 25), construímos processos de resistência que são processos de Educação Popular, uma educação em sentido amplo (BRANDÃO, 1985), que se estende a própria produção de conhecimento na e da América Latina. A história da educação popular tem seu ponto de partida, “no encontro violento entre colonizador e colonizado, e de um projeto de modernidade inconcluso, e por isso se refundamenta, ressignifica, reinventa e refunda nas práticas do cotidiano” (SCHÖNARDIE, 2018, p. 31).

Desde Simón Rodríguez e José Martí, que construíram a base do pensamento pedagógico latino-americano, até as proposições reflexivas dos recentes autores latinoamericanos com os quais dialogamos neste trabalho, temos a descolonização do pensamento como pressuposto para a superação da condição colonial, racista, patriarcal e de classe na sociedade capitalista. Segundo Barbosa (2020a), José Martí defendeu a compreensão da realidade do continente a partir de seus sujeitos sendo estes sujeitos os povos originários, negros, brancos e mestiços e, para Di Matteo (2020), os sujeitos que vivem no mundo são portadores de saberes e subjetividades que devem ser o ponto de partida dos processos de reflexão da Educação Popular. Nesse sentido, o autor destaca o caráter formativo da vida cotidiana, em que homens e mulheres apoiam os seus argumentos de luta na sua própria experiência de vida.

Nesse sentido, Barbosa (2020b) anuncia que ao descolonizar pensamentos e corpos, tendo como ponto de partida a cosmovisão e *ethos* com o território, reivindicamos outros modos de ser e de se posicionar social e politicamente. E segundo a autora quatro eixos compõem a identidade política das lutas na América Latina : a) a memória; b) a dimensão onto-epistêmica, que emana de cosmovisões e sustenta as bases de uma racionalidade ancestral e tem como referentes o bem-viver, o eu-nós-comunidade, o mente-coração-espírito; c) a territorialidade, em que os movimentos indígenas e camponeses reivindicam habitar o território numa lógica pluriversa; d) a autonomia, em

que os movimentos reivindicam o direito de autodeterminação dos povos em seus territórios (BARBOSA, 2020b).

Segundo Barbosa (2020b), essa dimensão onto-epistêmica fundamenta subjetividades políticas e tem como matriz o “*buen vivir*” como um princípio em contraposição ao “*vivir mejor*” defendido pelo “capitalismo moderno”. O “*buen vivir*” é, assim, um princípio essencial dos direitos humanos e da natureza. Essa dimensão se contrapõe a lógica da competição no neoliberalismo, pois sustentam os fundamentos de uma racionalidade ancestral, que se configura a partir de uma matriz cosmogônica, linguística e sociocultural milenar, fundamentando outras subjetividades, outra concepção de tempo, de vida e de morte; fundamentando posicionamentos individuais e coletivos no mundo e, sobretudo, “uma interpretação do *ser humano como uma fração da totalidade da vida existente em natureza* (grifo nosso)” (BARBOSA, 2020b, p. 275).

Além disso, segundo Barbosa (2020b), o território é *locus* de construção de identidades dos povos latino-americanos, do sentimento de pertencimento, dos seus modos de ser, de estar e de coexistir. Diante do avanço dos tentáculos do neoliberalismo, como abordamos acima, povos da América Latina lutam e reivindicam o reconhecimento de uma lógica pluriversa de conceber e habitar o território, num pluralismo de conceitos, cosmovisões e vivências de acordo com os princípios da justiça social e ecológica, engajados na construção de “um mundo onde caibam outros mundos”, segundo os princípios zapatistas<sup>i</sup>.

Nessa perspectiva, acrescenta-se o sentipensar de Orlando Fariñas-Borda. De acordo com Moncayo (2015), Fariñas-Borda colocou “a sua voz a favor da heterogeneidade comunidades que a categoria nacional do capitalismo sufoca” (p. 11). Segundo Mota Neto e Streck (2019, p. 216 e 217), Orlando Fariñas-Borda tem sua trajetória como intelectual crítico sentipensante e defendeu uma sociologia da libertação e uma ciência social desapegada do euro-norte-centrismo dominante, bem como propôs e protagonizou um projeto ético-político de sociedade participativa, baseada nos valores socioculturais fundantes das populações originárias da América Latina. A educação popular, nesta perspectiva, está relacionada a uma sociedade emancipada e livre.

O “sentipensar” propõe uma imersão na realidade social das comunidades sufocadas pelo capitalismo. Este conceito “sentipensar” ou “sentipensante” surgiu nas suas vivências com pescadores de San Martín de la Loba na costa colombiana quando,

segundo Moncayo (2015), Farls-Borda escutou dos ribeirinhos sobre as vivências ancestrais de “pensar com o coração e sentir com a cabeça”, sendo as experiências de seres que sentem e pensam com os sentidos ligados à natureza e às suas sociedades comunitárias ancestrais, que respeita os tempos, que espera num processo de resiliência social, ou seja, de experiências de humanização.

Ao tratar de movimentos sociais na América Latina no final do século XX e início do século XXI, Barbosa (2020b, p. 285) apresenta que a perspectiva de construção do conhecimento “combina um movimento dialético entre razão e coração, ou seja, os pensamentos e o conhecimento passam pela mente, pela razão, mas também emanam do coração”. Assim, explica a autora,

ao evocar o coração como lugar de sentimento com raízes epistêmicas e ontológicas próprias, os movimentos, especialmente indígenas, propõem outro paradigma de construção do conhecimento, em que se recupere a unidade entre corpo-razão-sentimento, dimensões da existência humana dissociadas pela ciência ocidental moderna (BARBOSA, 2020b, p. 287).

Experiências baseadas nesses princípios fortalecem a luta histórica na via contra hegemônica em que sujeitos históricos e comunidades na América Latina se erguem com suas raízes, raízes que não a do mercado, que não a do silêncio do coração, que não o silenciar dos povos e da natureza. Raízes que sangram, mas que também se mantêm vivas e, sobretudo, confrontam a ordem devastadora e poderosa do capital.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos elementos que vimos até aqui, podemos destacar aspectos da ordem neoliberal e aspectos das experiências de Educação Popular que se contrapõem a primeira. A seguir apresentamos a tabela.

<b>Neoliberalismo</b>	<b>Educação Popular</b>
Captura da subjetividade (Alves, 2011);	Ser humano como fração da totalidade da natureza (Barbosa, 2020b);
Avassalamento de território (Pires, 2022);	Território como espaço de vida (Barbosa, 2020b);
Valores-fetiche (Alves, 2011);	Eu- nós-comunidade e Sentipensamento
“ <i>vivir mejor</i> ”	“ <i>buen vivir</i> ”
homogeneização de pensamentos e corpos	Descolonizar corpos e pensamentos

Enquanto um está para experiências de desumanização, a outra está para experiências de humanização. E sim, o capitalismo está ao longo da história para a desumanização como vimos no início com Marx (2004). Enquanto o neoliberalismo está para apresentar fetiches e mitificar a realidade com seus valores-fetice, com a homogeneização de corpos e mentes, com o avassalamento de territórios e a captura da subjetividade, a educação Popular está para desvelar a realidade e abraçar a sociabilidade verdadeiramente humana, que cria e inventa, na busca de *ser mais*, partindo de toda sua referencialidade cultural e de horizonte de um ser social.

Ao socializar saberes ancestrais, “ao evocar o coração como lugar de sentimento com raízes epistêmicas e ontológicas próprias”, ao entender o ser humano como fração da totalidade da natureza e o território como espaço de vida, a Educação Popular contrapõe-se ao plano capitalista e, assim, apresenta o horizonte de humanização. Em síntese, os princípios da Educação Popular na América Latina fazem parte de um projeto histórico que confronta a dominação, fortalecendo sujeitos históricos e comunidades na América Latina. E ainda mais: apresentam um horizonte em que os seres humanos são seres de criação, numa relação dialética entre objetividade e subjetividade, ou seja, um horizonte para a vocação ontológica de *ser mais*.

Por isso, os processos de Educação Popular na América Latina representam uma vitalidade na resistência do neoliberalismo na medida em que busca romper os sustentáculos da dominação que nos produz como não ser, como quem não pode ser, permitindo outras formas de ser e estar no mundo. Os princípios comuns aos diversos processos de Educação Popular na América Latina, formam um processo revolucionário ao dizer e fazer o mundo de um modo diverso do que a experiência capitalista, colonial, imperialista, neoliberal nos impõe a fazer.

Nesse cenário, conversam a canção *Latinoamerica* que dá título a este trabalho e Alves (2011). Este ao trazer à tona a captura da subjetividade na sociedade do neoliberalismo, e aquela, em resposta à “captura da subjetividade”, ecoa as vozes de latino-americanos que resistem ao ideal neoliberal: “Você não pode comprar as nuvens, você não pode comprar as cores, você não pode comprar minha alegria, você não pode comprar minhas dores”. E podemos acrescentar: não pode comprar nossos saberes e nossas memórias ancestrais, nossos vínculos com o território. Naqueles versos incluem-se ainda a luta contra o racismo, a luta contra o patriarcado e contra o fascismo, por exemplo. Com os processos de Educação Popular, dizemos à ordem opressora – como na

canção do grupo porto-riquenho – *“tú no puedes comprar mi alegría, tú no puedes comprar mis dolores”*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como levantado neste trabalho, a desumanização traçada nos planos do capitalismo informa a nossa luta e, já que a história não é linear, estamos constantemente lutando. É então, no preciso sentido da Educação Popular na América Latina encontramos um horizonte de superação à devastadora trama do capital.

Os diversos sujeitos sociais da América Latina - os esfarrapados do mundo e os que neles se reconhecem e juntos lutam, parafraseando Paulo Freire – irrompeu ao longo da história, por sua própria condição de periferia do sistema-mundo, como contrapartida à dominação, um manancial de lutas e resistências de que são protagonistas. Na condição de oprimidos, os coletivos populares e os pensadores latino-americanos reescrevem a história com seus próprios valores, cosmovisões e ideais.

Destarte, em uma sociedade tão desigual e desumanizadora que nos reduz à condição de mercadoria, traçar os caminhos de outro mundo que não o do capital e sua devastação (da natureza, da vida humana), é a luz que coloca as gerações a sonhar. Sonhar algo nosso, que não o interesse do capitalismo. As experiências de Educação Popular na América Latina tem sido farol nesse mar tenebroso que é a sociedade capitalista. Um farol que se “*pensa com o coração e sente com a cabeça*”, que tem o “*território como vida*”.

Por isso, precisamos reconhecer e reverberar as lutas das comunidades, dos assentamentos, do movimento feminista, dos sindicatos, dos grupos LGBTQIA+ dentre outros, no âmbito da Educação Popular. Assim, continuaremos produzindo ideias que orientem e possibilitem a ruptura com as formas de desumanização impostas pelo capital, a necessidade de manter viva a luta, ou melhor, as lutas. Ainda podemos aprender muito com as formas de criação de sujeitos latino-americanos e com a resistência dos oprimidos.

## REFERÊNCIAS

ALVES, G. **Toyotismo e subjetividade**: as formas de desefetivação do trabalho vivo no capitalismo global. *ORG & DEMO*, v.7, n.1/2, Jan.-Jun./Jul.-Dez., p. 89-108, 2011.

ANDERSON, P. Para uma nova compreensão da crise. In: SADER, E.; GENTILI, P. (Org.). **Pós – neoliberalismo**: as políticas sociais e o estado democrático. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2000.

BARBOSA, L. P.(2020a). Educación, pensamiento pedagógico latinoamericano y pedagogías críticas en el fortalecimiento del poder popular. In: VILLASMIL SOCORRO, Paulina; DOS SANTOS, Arlete Ramos; BARBOSA, Lia Pinheiro (Comp.). Educación Popular, Poder Popular y Democracia en Nuestra América. Colección Simón Rodríguez. Cabimas (Venezuela): Centro de Estudios e Investigaciones Culturales Lingüísticas y Literarias (UNERMB), 2020a, p.53-74.

BARBOSA, Lia Pinheiro (2020b). Pedagogías Sentipensantes y Revolucionarias en la praxis educativo-política de los movimientos sociales en América Latina. Revista Colombiana de Educación, 1(80), 269-290, 2020b. <https://doi.org/10.17227/rce.num80-10794>

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DI MATTEO, Alvaro Javier (2020a). Apuntes para pensar la acción junto a los movimientos sociales. **Revista Masquedás**, Nº 6, año 6. Secretaría de Extensión UNICEN, Tandil, Argentina.

DINIZ-PEREIRA, J. E. Capitalismo global, neoliberalismo e “pós-modernidade reacionária”: a educação como mercadoria e os contextos atuais da formação de professoras/res da escola pública. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 29, n 1, jan/mar., 2022.

LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social I**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho, Mario Duayer, Nélio Scheneider. – 2. ed. – São Paulo: Boitempo, 2018.

MARX, Karl (2004). **Manuscritos Econômicos-Filosóficos**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

MELLO, A. F. de (2001). **Modo de produção mundial e processo civilizatório**: os horizontes históricos do capitalismo em Marx. Belém: Baka-Tatu, 2001.

MONKAYO, V. M. Presentación. Fals Borda: hombre hicoetea y sentipensante. In: **FALS BORDA, Orlando (2015). Una sociología sentipensante para América Latina antología y presentación**, Víctor Manuel Moncayo. — México, D. F. : Siglo XXI Editores ; Buenos Aires : CLACSO, 2015. Disponível em: <https://biblioteca-repositorio.clacso.edu.ar/bitstream/CLACSO/16358/1/AntologiaFalsBorda.pdf>

MOTA NETO, J. C. da; STRECK, D. R. Fontes da educação popular na América Latina: contribuições para uma genealogia de um pensar pedagógico decolonial. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 35, n. 78, p. 207-223, nov./dez. 2019.

NETTO, José Paulo (2000). Para uma nova compreensão da crise. In: SADER, Emir; GENTILI, Pablo (Org.). **Pós –neoliberalismo**: as políticas sociais e o estado democrático. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2000.

PIRES, T. R. de O. *et al.* A linguagem da revolução: Ler Frantz Fanon desde o Brasil. In: FANON, F. Os condenados da Terra. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

SALAMA, P (2000). Para uma nova compreensão da crise. In: SADER, Emir; GENTILI, Pablo (Org.). **Pós –neoliberalismo**: as políticas sociais e o estado democrático. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2000.

SILVA, S. V (2018). “Para além do saber”: a formação dos professores do pnaic e seu impacto na aprendizagem dos educandos do ciclo de alfabetização do município de Russas-Ceará. Dissertação. Universidade Estadual do Ceará, Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, Mestrado Acadêmico em Educação, Fortaleza, 2018.

STRACK, D. R. (2006). A educação popular e a (re)construção do público. Há fogo sob brasas? **Revista Brasileira de Educação**, v. 11 n. 32 maio/ago. 2006.

SCHÖNARDIE, P. A. (2018). A educação popular em tessitura com as políticas públicas: ponderando estranhamentos e possibilidades. **Rev. Ed. Popular**, Uberlândia, v. 17, n. 1, p. 28-44, jan./abr. 2018.